

# COLÓQUIO

## Letras

número **208** Setembro/Dezembro 2021

# COLÓQUIO

## Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



#### CONSELHO EDITORIAL

Guilherme d'Oliveira Martins  
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares  
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa  
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli  
(PUC – BRASIL)

Germano Almeida  
(CABO VERDE)

Gilda Santos  
(UFRJ – BRASIL)

Helder Macedo  
(KING'S COLLEGE – LONDRES)

Ida Ferreira Alves  
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves  
(UNIV. PARIS NANTERRE)

Laura Cavalcante Padilha  
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés  
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana  
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares  
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud  
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Osvaldo Manuel Silvestre  
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto  
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David  
(UERJ-BRASIL)

#### DIRETOR

Nuno Júdice

#### APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

#### APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso – 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € – Portugal

40 € – Especial\*

55 € – União Europeia

65 € – Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

\* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe  
e Timor-Leste

#### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 – 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 35 67

E-mail: coloquiolettras@gulbenkian.pt

www.coloquio.gulbenkian.pt

#### ASSINATURAS

Vendas – Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 – 1067-001 LISBOA

Tel: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

#### DESIGN

Overshoot Design

#### CAPA

Overshoot Design  
(a partir de obras de Rodrigo Ferreira)

#### IMPRESSÃO

Guide

#### ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em [coloquio.gulbenkian/contactos/](http://coloquio.gulbenkian/contactos/)

TIRAGEM 700

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

## SUMÁRIO

### MÁRIO CLÁUDIO

- 9 A infância é esta casa: algumas notas a propósito de ‘Astronomia’  
de Mário Cláudio  
*Maria João Reynaud*
- 18 Antiepopeia e desconstrução histórica  
*Martinho Soares*
- 28 Mário Cláudio e o fascínio da biblioteca intertextual  
*José Cândido de Oliveira Martins*
- 40 Mário Cláudio: o arquiteto da visualidade da palavra  
*Ana Paula Arnaut*
- 51 Crianças, criaturas e criação  
*Maria Luísa Malato*
- 67 A realidade como ficção  
*José Vieira*

### POESIA

- 81 *Tiago Veiga*

### ARTIGOS

- 91 Reconhecer o Adamastor ou ler Camões com Judith Butler  
*Luis Maffei*
- 101 «Estado de suspensão»: notas sobre a monstruosidade  
*Artur de Vargas Giorgi*
- 111 Trazer o caos às mãos  
*Diogo Martins*
- 121 «Uma ficção feliz é mais feliz que uma realidade infeliz»:  
celebrando ‘Livro da Dança’  
*Pedro Meneses*

### HOMENAGEM A VÍTOR AGUIAR E SILVA

- 135 *Helena Carvalhão Buescu*
- 139 *Isabel Almeida*
- 146 *Maria do Céu Fraga*
- 160 *Sérgio Guimarães de Sousa*
- 171 *António Carlos Cortez*

### NOTAS & COMENTÁRIOS

- 185 Histórias da literatura portuguesa  
*Miguel Real*

- 195 Maria Amélia Neto, poeta de um mundo dilacerado  
*Fernando J. B. Martinho*
- 201 Em «estado de prosa»: sobre 'Apresentação do Rosto' de Heriberto Helder  
*Rita Novas Miranda*
- 208 Contos antropológicos  
*José Eduardo Reis*
- 215 Ensaio para o fim dos tempos  
*Ana Paixão*

#### RECENSÕES CRÍTICAS

##### LITERATURA PORTUGUESA

###### POESIA

- 223 *A Matéria Escura e Outros Poemas*, Jorge Sousa Braga  
RICARDO MARQUES
- 226 *Curta Metragem*, Teresa Alvarez  
MANUEL FRIAS MARTINS
- 227 *Alegria para o Fim do Mundo*, Andreia C. Faria  
SANDRA GUERREIRO DIAS
- 231 *Estojo*, Miguel-Manso  
ADAM MAHLER
- 233 *Um Pouco mais ou menos de Serenidade*, Pedro Ludgero  
NUNO BRITO

###### FICÇÃO

- 234 *Três Novelas*, Mário Cláudio  
ÁLVARO MANUEL MACHADO
- 236 *Embora Eu Seja Um Velho Errante*, Mário Cláudio  
JOSÉ VIEIRA
- 239 *Tempo de Fuga*, Amadeu Lopes Sabino  
ROBERTO ACÍZELO DE SOUZA
- 242 *Epítome de Pecados e Tentações*, Mário de Carvalho  
AGRIPINA CARRIÇO VIEIRA
- 245 *O Regresso de Júlia Mann a Paraty*, Teolinda Gersão  
MAFALDA BORGES SOARES
- 248 *Uma Seta no Coração do Mundo*, Pedro Paixão  
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

- 250 *O Mapa do Mundo*, Pedro Eiras  
AMÂNDIO REIS
- 253 *As Telefones*, Djaimilia Pereira de Almeida  
ÁLVARO MANUEL MACHADO

###### ANTOLOGIA

- 255 *A Ilha das Quatro Estações*, José Viale Moutinho  
SÉRGIO GUIMARÃES DE SOUSA

###### TEATRO

- 257 *O Mundo de Ortov*, Jaime Rocha  
MADALENA VAZ PINTO

DIÁRIO

- 260 *Sintomas: 2013 a 2104*, Yvette K. Centeno  
ANA MARQUES GASTÃO

VÁRIA

- 263 *Tatuagens de Luz*, Cláudia Clemente  
DIANA V. ALMEIDA  
266. *O Perceber do Mundo*, António Vieira  
ADELINO CARDOSO

ENSAIO

- 268 *Ensaios 3*, Alberto Velho Nogueira  
ANTÓNIO CÁNDIDO FRANCO  
271 *O Absoluto Que Pertence à Terra*, Maria Filomena Molder  
JOÃO BARRETO  
273 *A Sombra Que Ilumina*, Ricardo Gil Soeiro  
EDGARD PEREIRA  
276 *Formas de Ler*, Teresa Cristina Cerdeira  
CARLOS NOGUEIRA

LITERATURA TIMORENSE

FICÇÃO

- 278 *O Plantador de Abóboras*, Luís Cardoso  
CATHERINE DUMAS

LITERATURA MOÇAMBICANA

FICÇÃO

- 281 *O Mapeador de Ausências*, Mia Couto  
AGRIPINA CARRIÇO VIEIRA

LITERATURA ANGOLANA

FICÇÃO

- 283 *O Livro do Deslembramento*, Ondjaki  
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR

---

AGRADECIMENTOS: A Rodrigo Ferreira pela autorização gentilmente concedida de reprodução das suas obras. A Francisco Pereira Coutinho (Galeria São Mamede), Raul Lourenço e Luís Manuel Gaspar.

filosofar, assumir um exigente programa de pesquisa, se tudo isso está condenado a um silêncio sepulcral? Afastando qualquer possível tentação de niilismo, a resposta é que o sentido e a legitimidade do filosofar são intrínsecos ao acto filosofante.

No capítulo final, «O Jogo do Mundo», colocando-se à margem das teodiceias emanadas da onto-teologia ocidental, o autor afirma a radical falta de sentido do mundo e a sem-razão da Coisa-Ser: *o mundo é sem porqué*. Ora, para além das razões que a razão filosofante pode formular pela linguagem, há um modo de presença do mundo para o qual desperta Phylakopi no termo da sua viagem e a que poderemos chamar sublime. A experiência-limite do absurdo convida a um novo olhar, não ingénuo, para a inocência das coisas. O mundo é um «jogo sem razão» (120) que se joga a si mesmo, «sem ponto de partida nem projecto de chegada» (*ibid.*), dando azo a «um estranhamento delicioso». O que se manifesta ao novo olhar de Phylakopi é um espectáculo deslumbrante, gerador de uma intensa «experiência estética», que arranca do ponto em que o visível toca o invisível. Excesso da beleza e do amor.

*Adelino Cardoso*

[O Autor segue a antiga ortografia.]

## ENSAIO

**Alberto Velho Nogueira**

ENSAIOS 3

Editora Bestiário / 2021

Alberto Velho Nogueira estrou-se com *Autofagias* em 1987 e desde então tem publicado uma extensa obra de «ficação», onde se incluem romances e teatro, embora estas designações pela rigidez das indicações e pelo modelo que desenham

pouco ou nada queiram dizer no seu caso. Como quer que seja, os seus textos ficcionais, resistentes como poucos aos circuitos da comercialização do livro — daí o autor ter editado quase toda a sua obra em luxuosas edições de autor de poucas dezenas de exemplares —, só são irreconhecíveis ou ilegíveis até ao ponto em que o fio do discurso se desata e essa aparência de caos verbal se faz um decalque de linguagem socialmente situada. A estética do absurdo verbal tal como o autor a segue e desenvolve é ainda, ao ser uma estética, um problema de realismo — tal como a captação do fluxo interior da consciência é em literatura um problema de imitação. É como questão de verosimilhança artística que as suas ficções em última visão nos aparecem.

Alberto Velho Nogueira é ainda autor de textos de crítica literária que se colocam num registo reflexivo, no que este tem de reiteração e de esclarecimento racional, sobre a literatura e em particular sobre a literatura portuguesa. Reuniu-os até hoje em três livros — *Anti-Prefácios. Ensaios 1* (2018; 560 pp.), *Ensaios 2* (2019; 672 pp.) e *Ensaios 3* (2020; 802 pp.). Basta o título escolhido para estas colectâneas para percebermos a filiação sergiana do magistério do seu autor, embora mediado este por escolas críticas mais recentes. Não se pense porém que esta filiação torna o trabalho crítico de Velho Nogueira identificável a partir de António Sérgio. A mediação das escolas formalistas que dominaram o século XX na crítica literária e que Sérgio desconheceu — ele, que publicou o primeiro volume dos *Ensaios* em 1919 — é demasiado forte em Velho Nogueira para essa ligação se dar de forma directa. Aquilo que o liga a Sérgio é tão-só uma estirpe, que entronca na tradição judicativa iniciada no século XVII com o espírito moderno e que com a crítica positivista, sociológica e depois formalista e académica actualizou a sobriedade do clássico após as irregularidades

anormais e primitivas do medieval e das suas epifanias românticas e surrealistas.

A arte de avaliar de Velho Nogueira é porém mais do que crítica científica e académica — e desse ponto de vista a sua re-elaboração do legado sergiano é marcante. Se por um lado a sua crítica é fecunda em cunhar noções abstractas e pessoais — vejam-se as conceptualizações imbricadas de «savantização», derivada esta da palavra francesa «savant», e de «literaturalidades», esta talvez com um antecedente indireto na «literariedade» jakobsoniana —, por outro essa crítica traz consigo a vontade sergiana de «elaborar posicionamentos» pessoais sobre as obras e os autores que saiam da rotina das leituras, quer dizer, daquele sarro que se transforma nos lugares-comuns que se repetem no curso dos anos e às vezes das gerações. Esta montagem de posicionamentos singulares, cortando com as leituras mais correntes e menorizando a força do institucional, é em meu entender o ponto forte que particulariza a crítica de Velho Nogueira. Para o concretizar o autor beneficiou de condições únicas. Vive desde há mais de cinquenta anos longe de Portugal, num meio sem comunicação com o nosso. Tem assim uma percepção distanciada sobre o que se passa no campo da literatura em Portugal e que lhe permite elaborar, livre das imposições e das regras internas do meio literário português, um contradiscorso cultural sobre obras e autores. Daí a ideia cirúrgica de «anti-prefácio» com que baptizou a sua estreia ensaística.

São estas as marcas do magistério de Velho Nogueira nos dois primeiros tomos dos seus *ensaios*. Acabado de sair no final de 2020 — é o primeiro a não ser publicado em luxuosa edição de autor, embora mantenha as mesmas características gráficas —, este terceiro aqui recenseado alarga nas suas oito centenas de páginas estas mesmas marcas de leitura, se bem que o

texto mais ambicioso do livro, o último, «A Savantização e a Autonomia do Expressivo» (625-798), quase 175 páginas, seja um texto teórico de conceptualização, mais do que um exercício de observação sobre um livro ou um autor. Tirando porém este texto e o primeiro, «Algumas Reflexões sobre a Ideia de Literaturalidades» (11-29), todos os restantes, em número de catorze, incidem sobre autores — Pessoa, Torga, Cunhal (Manuel Tiago), Agustina, Aquilino Ribeiro, Ramos Rosa, Vergílio Ferreira, Cardoso Pires, Llansol, Rui Nunes, Heriberto e Djaimilia Pereira de Almeida. Agustina, Aquilino, Llansol foram já objecto de atenção em volumes anteriores. Agustina, por exemplo, atravessa os três tomos dos *Ensaios* e só no segundo tomo tem direito a seis textos e a cerca de 250 páginas. O pretexto de cada leitura é sempre o mesmo: escolhe-se um livro do autor, discorre-se livremente, largamente sobre ele e tiram-se conclusões gerais judicativas sobre a sua literatura. Não que Velho Nogueira nos diga se um autor ou um livro valem muito ou pouco — a sua análise é mais dispersiva e fecunda do que isso —, mas porque o seu desiderato de base, contraditar a opinião corrente e despistar em literatura o reconhecimento institucional, é sempre demasiado ostensivo nos seus excursos hermenêuticos. É mesmo possível que o seu trabalho crítico valha antes de mais por essa coragem de se afirmar como um contraponto. A primeira qualidade dos ensaios de Velho Nogueira é pois a novidade — ao lê-los não subsiste nenhuma impressão de estar a ler o já lido. As suas ideias não repetem outras — são novas e só dele. Tratando-se de autores consagrados pelo sistema literário, é fácil perceber que esta crítica para ser inovadora e se individualizar teve de abrir controvérsias. Os casos mais evidentes de *Ensaios 2* são Sophia de Mello Breyner Andresen, cuja *Obra Poética* (Editorial

Caminho) é avaliada como sendo uma «poesia-mausoléu» (427) de «clichés helenistas» (423), e António Lobo Antunes, cujo romance é caracterizado como anedótico, bairrista, sentimental, fadista e telenovelístico (359 e 369), chegando a sua atenção internacional a ser vista como uma consequência do labor de adaptação e transformação dos tradutores (321).

O que se diz para o segundo tomo dos *Ensaios* diz-se agora para este terceiro — como de resto já se dizia para o primeiro. No caso presente os pontos mais flagrantes dizem respeito a Miguel Torga, cuja escrita é vista como um «aparelho regressivo» (101), sendo classificada de pietista e regionalista, e a Cardoso Pires, cuja literatura final é vista como hiper-territorial (ainda o bairro e a anedota) e com uma estrutura que em tudo corresponde, embora às avessas, à escrita cor-de-rosa. Mas também as leituras que são feitas ao *Para sempre*, de Vergílio Ferreira, onde se aponta a presença do racismo (381), ao *Livro de Horas II*, de Llansol, que dá lugar ao «cliché conceptual» (480), à *Obra Poética I*, de Ramos Rosa, lida como «um sistema anacrónico» e «institucional» (336 e 337), ao *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djamilia Pereira de Almeida, classificado dentro duma «estrutura comercial do ficcional» (634) sem «eficácia literária» (641), ou ainda ao Manuel Tiago d'*Um Risco na Areia*, totalitário e populista este, estão no mesmo registo frondista e contrapontístico. Além da abordagem *savantizada* ao Fausto pessoano, escapam tangencialmente a isto as leituras ao livro *Barro*, de Rui Nunes, e à poesia final de Heriberto — pretextos para uma violenta impugnação das abordagens críticas (Maria da Conceição Caleiro, Manuel Frias Martins, Rosa Maria Martelo, Manuel de Freitas, Luís Miguel Queirós...) a estes dois autores.

É preciso dizer que salvo Velho Nogueira ninguém ousaria avançar com tais

leituras, de resto bem sedimentadas, com cuidada atenção aos textos e com momentos de esclarecedora hermenêutica, que são um ganho na compreensão dos autores, concorde-se ou não com as conclusões. Uma crítica com tais marcas é atrativa pelo distanciamento em que coloca obras até aí demasiado próximas e pela revisão casual que pode motivar à crítica, já que o tempo, com fundas alterações no gosto e na percepção, traz reviravoltas surpreendentes na avaliação do passado. É impossível qualquer alteração no campo literário sem um esticão deste tipo. Foi uma abordagem assim dura de António Sérgio que em 1920 abalou o prestígio de Guerra Junqueiro, obrigando a crítica a tomar precauções que até aí nunca manifestara. É sabido porém que uma tal acção pode ser muito injusta. Foi o que sucedeu à poesia de Junqueiro, que de genial passou a ser desprezada com uma sobranceria injustificável. E é o risco que ora correm estas avaliações a Miguel Torga e a Cardoso Pires, decerto os casos mais flagrantes destes *Ensaios 3*.

É por isso necessário estabelecer um diálogo com este posicionamento judicativo, apontando-lhe as insuficiências, mas sem esquecer o que tem de iluminante e o contributo que pode dar para um maior equilíbrio na avaliação de autores que andam sobrevalorizados. Muito haveria a dizer sobre os ensaios dados à luz neste volume sobre Torga, Cardoso Pires, Aquilino e Agustina, ou ainda os críticos de Heriberto, mas numa simples recensão como esta é impossível passar à peneira as centenas de páginas dedicadas a estes autores. Limitamo-nos pois a chamar a atenção para a importância dum magistério crítico exercido com independência, em contracorrente, fora de qualquer interesse académico e institucional, uma crítica autêntica e muito pessoal que nos alerta para questões esquecidas e sonegadas — das

imposições do mercado aos mecanismos de institucionalização do literário —, mas que necessita desde já de contrapesos fortes e esclarecidos que a impeçam de se tornar o novo lugar-comum das gerações futuras na sua avaliação do passado.

*António Cândido Franco*

[O Autor segue a antiga ortografia.]

Maria Filomena Molder  
O ABSOLUTO QUE PERTENCE À  
TERRA

Lisboa, Edições do Saguão / 2020

Como tantas vezes tem acontecido no percurso pensante de Maria Filomena Molder, este é mais um livro escrito *com* um *compagnon de route* filosófico. Isto quer dizer que estamos perante alguém que tem um modo muito particular de penetrar pela escrita — e tantas vezes pela palavra viva — os mundos dos *seus* autores, não à distância de quem escreve «sobre eles», mas na con-vivência de mundos afins. É a forma particular, e rara entre os filósofos, de relação da autora com outros que lhe respondem, isto é, *cor*-respondem, respondem também «pelo coração» às suas próprias interrogações. Escrever *sobre* é tarefa, escrever *com* é resposta — e responsabilidade ética, rosto que responde a rosto, diria Levinas. Muitas vezes também com uma marca estética própria, que é o próprio de uma linguagem filosófica criativa e «musical», reverberante mas consciente da sua «imperfeição», como Maria Filomena Molder reconhece numa entrevista de 2007 a Ana Marques Gastão, e já havia desenvolvido em *A Imperfeição da Filosofia* (2003). Porque pensar, esclarece a autora, é elaborar «variações sobre o caos e o obscuro», essencialmente uma forma de abrir portas semiabertas, de desconstruir o enigma da vida — o enigma e não o mis-

tério, que não se abre. Também Benjamin deixou já clara esta diferença, e Hermann Broch confirma-a nos ensaios de que parte este livro, atravessados todos eles pela convicção de que o infinito, a «aura» ou o «absoluto» de qualquer manifestação ou actividade humana, a existirem, têm o seu lugar próprio no plano do terreno, e não do transcendente.

O enigma a decifrar, tacteando, e não a formalizar em conceitos ou sistemas, pede uma linguagem que se situe nas margens, quer de uma filosofia sistemática, quer do jargão filosófico mais comum, o que não significa que o rigor da disciplina esteja ausente deste modo próprio de pensar com as palavras, acreditando na oscilação periclitante da sua capacidade de dizer (e desdizendo assim de certo modo um filósofo caro a Maria Filomena Molder, o Wittgenstein da proposição 7 do *Tratado Lógico-Filosófico*, e todos os artifícios filosóficos das teorias do inefável, uma tradição muito austriaca, mas que Broch não segue). O resultado final é o do fascínio da «impureza» de um discurso que assim se situa no ponto voraz de um equilíbrio entre o recorte do rigor e a oscilação do vivo. Lugar de algum modo solitário entre os seus pares (afinal, como o de Hermann Broch entre os seus contemporâneos), reformulando conceitos, reabilitando problemas marginalizados pelos «funcionários da Filosofia», colocando no centro do pensar a categoria, brochiana e musiliana, da imponderabilidade da vida e do (seu) conhecimento.

Esta forma de convivência criativa aconteceu já assim, em livros anteriores de Maria Filomena Molder, com Goethe e Kant, Baudelaire e Benjamin, e agora com essa figura íntegra e múltipla, leitor de um tempo e implacável observador de si mesmo («sentia algures em mim o anseio de tudo reunir») que foi o Hermann Broch ensaísta e pensador político, que a si pró-